

## Apresentação

O presente título propõe como tema aglutinador abordar as problemáticas e os condicionamentos que têm polarizado e moldado as relações entre a *arte* e o *espaço público*, para tanto organizando um dossier, por assim dizer, inaugural, cujo propósito fundamental é apresentar o contributo da História da Arte para a reflexão multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar que o desenvolvimento e aprofundamento desta matéria exige.

Sobre o título *Arte e Espaço Público*, importa esclarecer que ele pretende manifestar um duplo distanciamento. Por um lado, distanciamento em relação à designação *arte pública*, cuja noção hoje se confronta com o ingrato peso herdado das conotações políticas de uma utilização poderosamente marcada por signos de autoritarismo ideológico e por marcas de anacronismo estético. Por outro, distanciamento também relativamente à designação mais dócil de *arte no espaço público*, cuja noção pode incorrer no erro de conceber como separadas as entidades *arte* e *espaço público*, sendo a primeira encarada como mera prótese para dourar a pobreza estética dos lugares em que decorre a vivência quotidiana, sem com eles nada ter a ver, concepção de que ainda mais firmemente nos queremos afastar, já que ela supõe o divórcio da obra de arte relativamente ao mundo e a equiparação do espaço público a uma galeria de arte, invólucro de uma arte desenraizada e descaracterizada.

Com a designação *Arte e Espaço público*, contrariamente, em vez de nos situarmos num plano de afirmação de determinada concepção ou pragmática de apresentação pública da obra de arte, o que visamos é antes o apuramento das relações e das tensões que entre ambos os termos se fazem sentir, com o propósito de contribuir com o olhar da História da Arte para a elucidação das questões que este campo de integração de diferentes artes coloca.

Seja como for, este é um tema de recente formulação entre nós, e escassos são os títulos e trabalhos académicos que a ele se dedicam em exclusivo, não admirando portanto que nos encontremos longe de poder apresentar conclusões seguras e hipóteses convergentes, servindo este preâmbulo, também, para prevenir exageradas expectativas neste domínio.

Mas essa circunstância, não deixa de ter, por outro lado, as suas vantagens, já que, tal como no começo duma obra, também aqui tudo pode ser pensado desde o início, e tudo parece exigir novas abordagens e propiciar novas sínteses.

Ora, é precisamente esta atmosfera optimisticamente contaminada pelo novo, que pretendemos realçar e queremos assumir, no momento em que acabamos de mergulhar num novo e inquietante milénio, tingido de intolerâncias várias, e em que a obra de arte, queremos crer, continua ser aquilo que de melhor há no ser humano, obra de arte que carece efectivamente de encontrar os caminhos para se inscrever na vida, pois essa será a melhor forma dela poder catalisar a dimensão ética que se alberga na estética.

E é uma circunstância feliz, a deste número inaugural do Boletim da APHA, ele também um projecto novo, começar com um tema novo, na esperança de que os colegas e o público achem aqui motivos de interesse suficiente, para encontrarem a indulgência necessária para tolerar e compreender as lacunas e defeitos que não nos foi possível superar.

Efectivamente, a organização do presente título acabou por constituir uma empresa mais árdua do que à partida se supunha, tendo exigido um tempo que reconhecemos exagerado de preparação.

Daí que, para compensar o atraso do seu aparecimento, a concepção e organização do próximo Boletim já esteja em curso, cabendo aqui anunciar que o número seguinte tratará a temática do *Património*, estando a sua publicação agendada para Abril/Maio de 2004.

Importa ainda referir, que o título *Boletim Interativo da APHA* é uma designação provisória, sendo nossa intenção organizar um concurso de ideias para a escolha do definitivo, passan-

do aquele nome, para sub-título, ou se se aceitar a metáfora familiar, para apelido, depois de achado o “prenome” do novo ente. [para participar no concurso, clicar [aquí](#)]

Uma palavra importa ainda dizer sobre os critérios de organização deste dossier inaugural.

Em primeiro lugar, uma das preocupações dominantes foi de que o mesmo, sem ter pretensões de esgotar o tema, pudesse fornecer um leque diversificado de abordagens e de enfoques, indo da formulação teórica à reflexão metodológica, e cruzando a sondagem histórica com a produção artística, no visar da abertura transdisciplinar do campo de estudos.

Outra preocupação foi não restringir o dossier unicamente à realidade portuguesa. Não que essa realidade não oferecesse assuntos, motivos e valor suficientes para corporalizar uma indagação e elucidação pertinentes para a investigação, mas, justamente, porque isso mesmo sucede, por consideramos constituir imperativo metodológico situar o cerne das problemáticas no contexto mais largado da reflexão e da produção internacional, como forma de rever e de estabelecer nexos e de gerar e confrontar sentidos.

Em síntese, o dossier pode dividir-se em quatro partes. A primeira, de âmbito teórico, intenta fornecer algumas das chaves conceptuais e metodológicas pertinentes para o estudo do tema em causa. A segunda, puramente histórico-artística, intenta elucidar o percurso e a natureza de segmentos de produção específicos. A terceira, mais centrada nas artes plásticas, intenta apresentar os aspectos e fundamentos de que se revestem dois tipos distintos de propostas de arte pública contemporânea. A quarta, de índole interpretativa, intenta explicitar pistas de análise e de reflexão, especificamente pensadas para a arte pública.

À margem desta quadratura teórico-artística e histórico-metodológica, importa ainda referir, num plano mais imediato, algumas peças avulsas, como a notícia do *Congresso do Public Art Observatory*, a transcrição da *Carta da Transdisciplinaridade* e uma lista de *Ligações/Links*, onde se pode encontrar um extenso manancial de informação sobre esta temática.

Resta-nos, enfim, agradecer a todo(a)s que aceitaram colaborar na organização e concretização deste projecto. Desde logo, à *Associação Portuguesa dos Historiadores de Arte*, pela confiança que em nós depositou, mas também à *Faculdade de Letras do Porto*, que apoiou a formação da equipa organizadora, bem como à *Galeria de Arte da Biblioteca Almeida Garrett*, onde encontrámos uma verdadeira oficina de trabalho.

Mas os últimos e mais dilatados agradecimentos vão necessariamente para os redactore(a)s dos diferentes artigos, pois é deles que emana a seiva que vivifica projectos como este.

José Guilherme Abreu